

A Estratégia: Origens, Fundamentos, Desdobramentos no Espaço e no Tempo

Carlos de Meira Mattos*

Resumo: Matéria objeto de palestra, proferida pelo autor, no IGHMB. Informa sobre os tópicos constantes do título acima e examina as formas de ação estratégica direcionadas para uso em operações de guerra.

Palavra-chave: Estratégia.

ORIGENS

A Estratégia nasceu de uma necessidade primária do Chefe Militar. Desde a Antiguidade os chefes militares (Ciro, Dario, Alexandre o Grande, Xenofonte), diante do momento da batalha, tiveram que fazer uma avaliação intuitiva – fins e meios – do que pretendiam conquistar ou defender e de que meios dispunham.

Essa necessidade instintiva dos chefes militares da Antiguidade, de avaliar fins e meios, com o passar dos séculos foi sendo elaborada intelectualmente, dando forma a uma doutrina de planejamento militar. Transpôs os limites da arte bélica, deu origem aos hoje conhecidos planejamento estratégico, planejamento empresarial e planejamento científico.

O nome Estratégia foi criado pelos gregos para caracterizar a Arte dos Generais.

Estratego na língua grega significa general ou chefe militar.

FUNDAMENTOS

O primeiro livro sobre Estratégia que se conhece é um tratado, *A Arte da Guerra*, escrito por um general chinês, cerca de 500 anos a.C. Esse livro só foi conhecido no Ocidente mais de 2.200 anos depois, quando traduzido, no século XVIII, para a língua francesa, pelo Padre Amiot, missionário que viveu muitos anos na China.

Os principais pensadores, formuladores da Doutrina Estratégica, entendem que existe um trinômio inseparável – Política-Poder-Estratégia – que interage permanentemente. Sem se compreender este trinômio não se pode entender a Estratégia. A Política marca o objetivo, o Poder revela os meios disponíveis e a Estratégia indica a melhor forma de aplicação dos meios.

* General-de-Divisão. Sócio emérito do IGHMB.

Vejam, agora, como os principais pensadores conceituam esses três valores do trinômio:

POLÍTICA é a *arte de governar*, síntese dos pensamentos de Platão, Aristóteles, Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Raymond Aron. Política é a *luta pelo poder*, segundo o Professor Hans Morgenthau, autor do livro básico de Política nos Estados Unidos. Política é a *arte de governar o Estado, dirigindo sua política interna e externa*, segundo o conceito da nossa Escola Superior de Guerra (ESG).

PODER é a soma de recursos materiais e valores psicológicos de que o Estado dispõe, tendo em vista os objetivos políticos que pretende conquistar ou preservar. Nenhum objetivo da Política pode ser alcançado sem a aplicação de Poder.

ESTRATÉGIA é a *arte de aplicar o Poder*, tendo em vista os objetivos da Política. A Estratégia está completamente integrada à Política e ao Poder. Não há Estratégia se não houver um Objetivo Político a conquistar ou preservar e se não houver Poder a ser aplicado. A Estratégia é sempre uma disputa entre inteligências e vontades. A partir da Primeira Grande Guerra (1914-1918), em consequência da ampliação do campo de batalha em virtude do aparecimento da arma aérea, a Estratégia transpôs os limites da arte militar e se expandiu para todos os campos de atividade civil. Hoje, a palavra Estratégia, seu método de pensamento e seu mecanismo mental de avaliar os problemas foram adotados por toda a sociedade.

Em síntese, podemos dizer que: Política é concepção (o que fazer), Poder são

meios, recursos (com o que fazer) e Estratégia é a habilidade de como aplicar os meios (como fazer).

ATITUDES ESTRATÉGICAS

O Planejamento Estratégico, baseado numa rigorosa avaliação do objetivo visado, do valor do inimigo e da nossa capacidade e disponibilidade de poder, quase sempre indica a Atitude Estratégica a ser tomada. Distinguem-se duas atitudes estratégicas: ofensiva e defensiva. Qualquer atitude deve visar, essencialmente, a preservação da Iniciativa Estratégica.

FORMAS DE AÇÃO ESTRATÉGICA

Podemos considerar as seguintes Formas de Ação Estratégica, associando-as ao nome dos estrategistas que as consagraram:

Ação Direta – Clausewitz, historiador, e o General Moltke, ambos prussianos.

Ação Indireta – Sun Tzu, general e historiador chinês do século IV a.C., General Mao Tse-tung, chinês, e Lidell Hart, historiador inglês.

Manobra por Linhas Interiores – Napoleão Bonaparte, general francês.

Estratégia Nuclear, Missílica e Guerra Espacial.

Dissuasão – Beaufre, general francês.

Ação Terrorista Internacional – desencadeada por um comando islâmico ainda não identificado.

AÇÃO DIRETA

O patrono da Estratégia de Ação Direta é o militar prussiano Karl von Clausewitz, que escreveu sobre as Guerras Napoleônicas e as lições delas extraídas. Napoleão

foi um grande guerreiro, mas nunca teorizou os ensinamentos de suas campanhas. Clausewitz escreveu o *Von Kriege* (Da Guerra) em 1871, que se tornou clássico para o estudo da Estratégia. Nesse livro Clausewitz desenvolve a sua idéia principal ao dizer: “A conduta estratégica ideal é buscar o centro de gravidade das forças inimigas e numa única e só batalha decisiva destruí-las.”

Observe-se que a preocupação fundamental de Clausewitz é o ataque com o máximo de poder contra as forças principais do inimigo, destruindo-as numa só batalha.

AÇÃO INDIRETA

Conforme já referimos, o primeiro autor que escreveu sobre Estratégia foi o General chinês Sun Tzu, num livro do século IV antes de Cristo. Sun Tzu é, inquestionavelmente, o patrono da Estratégia de Ação Indireta. Através dos tempos, vem deixando inúmeros discípulos.

Assim se pode resumir o pensamento de Sun Tzu:

“Na Guerra, ou na Política, a melhor estratégia é conquistar um país intacto, e não destruí-lo. Destruí-lo é pior. Capturar o exército inimigo é melhor do que destruí-lo. A batalha deve ser vencida muito mais pela manobra do que pelo choque. O bom estrategista é aquele que é capaz de derrotar o exército inimigo sem atacá-lo frontalmente, de ocupar cidades inimigas sem destruir seus bens, de ocupar o seu território sem necessidade de choques violentos. As ações de engodo são mais eficientes do que as ações de choque direto. É melhor can-

sar, desmoralizar, quebrar a vontade de lutar do inimigo, atacando seus pontos fracos, ameaçando seus flancos e retaguarda, inquietando-o continuamente, do que buscar o choque frontal. É melhor conduzir uma guerra durante cinquenta anos e derrotar o inimigo pelo cansaço, pela ação indireta, não atuando sobre o centro de suas forças.”

Sun Tzu reflete a índole paciente do povo chinês, *não se preocupa com o tempo, não tem pressa, sabe esperar para vencer*, muito diferente do pragmatismo apressado, produto da cultura ocidental. Como processo de ações estratégicas e táticas de engodo, Sun Tzu aconselha: *quando o inimigo avançar, recue; quando o inimigo fizer alto, inquiete-o; quando o inimigo evitar o combate, ataque-o; quando o inimigo retirar-se, persiga-o tenazmente.*

Contemporaneamente, Sun Tzu teve dois discípulos famosos: o chinês Mao Tse-tung e o inglês Lidell Hart. Ambos adaptaram os princípios da Estratégia de Ação Indireta legados pelo general da Antiguidade às exigências das guerras que viveram.

MANOBRAS POR LINHAS INTERIORES

O General Napoleão Bonaparte, nas guerras do começo do século XIX, teve que enfrentar exércitos da Áustria, do Piemonte, da Itália, da Prússia, da Espanha e da Rússia. Muitas vezes teve a responsabilidade de lutar em várias frentes. Deu grande ênfase, nas suas campanhas, ao princípio estratégico da Economia de Forças. Não podendo ser forte em todas as frentes, idealizou a manobra móvel por linhas interiores, buscando a capacidade de *ser o mais*

forte no local e na hora decisiva. O êxito da Manobra por Linhas Interiores depende da extrema capacidade de mobilidade dos efetivos de transferirem de uma frente para outra.

ESTRATÉGIA NUCLEAR, MISSÍLICA E GUERRA ESPACIAL

A arma nuclear surpreendeu e aterrorizou o mundo ao ser lançada pelas Forças Armadas norte-americanas, em abril de 1945, sobre as cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima. Seu efeito devastador – explosivo, incendiário e radioativo – causou uma destruição material inimaginável, provocou centenas de milhares de vítimas humanas e a morte de seres vivos, animais ou vegetais. O uso da arma nuclear foi proibido pelas organizações internacionais e foram criados organismos destinados a evitar a sua proliferação. Mas as potências industrializadas e possuidoras de tecnologia mais avançada não deixaram de fabricá-las. Durante os cinquenta anos de Guerra Fria, alimentada pela rivalidade e competição de poder entre duas superpotências – Estados Unidos e União Soviética –, ambas se envolveram numa escalada nuclear sem precedentes, fabricando milhares de armas cada vez mais potentes.

O desenvolvimento da tecnologia da arma nuclear provocou o avanço da tecnologia de seu instrumento de lançamento – o míssil.

Nos últimos cinquenta anos, as inovações tecnológicas e os avanços da eletrônica permitiram um amplo desenvolvimento da Missílica, geradora de enorme gama de vetores de transporte aéreo para os enge-

nhos bélicos ou científicos, lançados a distâncias intercontinentais ou menores.

A Missílica deu enorme amplitude à manobra estratégica, permitindo o lançamento de armas nucleares ou convencionais contra qualquer alvo do planeta. A extensão da Missílica resultou na tecnologia do lançamento dos satélites, utilizados, principalmente, para a exploração do espaço sideral, mas também empregados para fins bélicos e científicos.

A estratégia da chamada Guerra nas Estrelas, anunciada pelo Presidente dos Estados Unidos em 1983, prevê a utilização de um sistema composto de satélites e emissão de raios (laser e outros), criando um *escudo protetor contra um ataque nuclear*. Trata-se da denominada Estratégia Espacial.

DISSUAÇÃO

A teorização da Estratégia de Dissuasão é mais recente. Surgiu por obra do General francês André Beaufre e visou a responder aos perigos expostos à humanidade pela Guerra Nuclear.

O pensamento estratégico de Beaufre foi o de contenção da Guerra Nuclear, criando para as potências nucleares uma clara ameaça de mútua destruição. A certeza dessa ameaça impediria que a possuidora da arma a utilizasse, pois o preço da resposta seria mortal. Seria a destruição recíproca.

A Estratégia de Dissuasão conseguiu, durante os quase cinquenta anos da Guerra Fria e de antagonismo bipolar, paralisar a agressão nuclear, mas produziu o efeito perverso de estimular o armamentismo, a chamada “escalada”. Os governos de

Washington e Moscou, visando a assegurar o seu instrumento de “ameaça mútua”, criaram um colossal arsenal de armas nucleares.

O princípio estratégico de paralisar a intenção de agressão, pelo grau de ameaça oferecido, deixou hoje o cenário da guerra nuclear e generalizou-se no campo amplo da política internacional. É utilizado, particularmente, pelos países fracos para se defenderem das ameaças político-militares dos poderosos. A dissuasão caracteriza-se na apresentação de uma contra-ameaça que torne a violência intencionada uma operação muito onerosa, em face do grau de resistência capaz de ser oferecido pelo agredido. Obriga o agressor a avaliar os custos da operação, sua duração, valor da resistência oferecida, perdas de vidas, custeio etc.

A estratégia de dissuasão tem sido aplicada intensamente no cenário geral da política internacional, muitas vezes paralisando (pela avaliação dos custos) os propósitos de agressão dos países mais poderosos.

Para que a defesa pela dissuasão seja efetiva é mister que o grau de ameaça oferecido pela possível vítima seja concreto, revelando vontade férrea de resistir e exibindo meios capazes de realizar esta resistência.

TERRORISMO

O terrorismo gerou o império do medo. Sempre existiu, particularizado em agressões pessoais ou praticadas por grupos étnicos, religiosos ou nacionalistas. Entretanto, após os ataques de 11 de setembro de 2001 a Washington e Nova York, o terrorismo se transformou em arma de agressão internacional de dimensão planetária.

Sua estratégia é a do medo. Medo pelo imprevisível da agressão. Dirigido por grupos religiosos islamitas fanáticos, criou no mundo a permanente expectativa do medo de uma agressão inopinada e de incalculável violência, realizada por homens-suicidas, cujo surgimento e ação são imprevisíveis.

A principal arma da agressão terrorista é o homem-suicida, que só se revela depois de praticado o ataque e que não oferece nenhum alvo para as armas poderosas e de alta tecnologia das potências ocidentais, principais vítimas de suas ameaças e ações.

A sociedade civil dos Estados Unidos e dos principais países europeus, considerada pelos fanáticos terroristas islâmicos inimiga dos povos árabes, vem vivendo em permanente estado de alerta contra o terrorismo, sofrendo transtornos e limitações nas atividades normais da existência.

CONCLUSÕES

Em grande síntese, a Estratégia é um jogo de vontades e de inteligência. Quando falamos em vontade queremos nos referir à vontade do chefe e à vontade nacional. Através do longo processo histórico em que se manifestou, através de todas as nuances e formas que caracterizaram a sua evolução, sempre se destacaram como seus valores essenciais a vontade e a habilidade intelectual do chefe em conduzir a manobra.

Na opinião do General Foch, a estratégia é a luta entre duas vontades. Nós acrescentaríamos: *a Estratégia é uma luta entre duas vontades e duas inteligências.*

